

ANCELMO GOIS

Pesquisa revela dados alarmantes relacionando mudanças climáticas à saúde humana

por Ana Cláudia Guimarães

08/06/2021 05:30
atualizado 08/06/2021 05:30



Dados inéditos sobre o nexo alarmante entre as mudanças climáticas e prejuízos à saúde urbana no Brasil serão divulgados hoje, durante a primeira edição de 2021 do Diálogos – Futuro Sustentável, evento promovido pelo ICS - Instituto Clima e Sociedade e pela Embaixada da Alemanha.

Além dos impactos relacionados às mudanças ambientais (transmissão de doenças por mosquitos ou carrapatos) e aos sistemas sociais (doenças mentais advindas de conflitos em deslocamentos populacionais, desnutrição, insegurança alimentar, perdas econômicas geradas pelas alterações no clima), o destaque fica por conta da mortalidade e morbidade geradas pela poluição do ar por veículos, indústrias e queimadas. A pesquisa aponta que foi estimado um custo de US\$ 1,7 bilhão anuais por mortes prematuras por poluição do ar em 29 capitais brasileiras.

A pesquisa cita um estudo realizado pela Fiocruz revelando que 60% do Material Particulado (MP) inalado no Brasil é proveniente da queima da floresta amazônica. E em 2019 houve 2.500 hospitalizações por mês de crianças na região amazônica em decorrência da poluição das queimadas.

Andreia Banhe, do CDP – Disclosure Insight Acton, vai apresentar os resultados do estudo “Mudança do Clima e Saúde Urbana - Impactos e Oportunidades para as Cidades Brasileiras”, envolvendo 92 municípios (totalizando aproximadamente 55 milhões de habitantes e representando 25% da população brasileira) acerca dos principais riscos à saúde causados por fatores ambientais.

Os dados serão apresentados no painel “Diálogos: o impacto das mudanças climáticas na saúde - políticas públicas e contexto internacional”, hoje, às 10h30, no canal do youtube do Instituto Clima e Sociedade. Mediado por Marina Marçal, coordenadora do Portfólio de Política Climática do Instituto Clima e Sociedade, vai reunir, além de Andreia Banhe, do CDP Latin America; Christovam Barcellos, da Fiocruz; e a alemã Laura Jung, da Global Climate Health Alliance.



Márcio Godoy, O Estado de S. Paulo
Resumo do conteúdo

28 de junho de 2023 | 08h00
17 2 min de leitura

A poluição do ar causa um custo de mais de US\$ 1,7 bilhões (cerca de R\$ 8,5 bilhões) por ano no Brasil em razão das mortes prematuras que ela provoca em 27 capitais brasileiras. A conclusão é do estudo Mudança do Clima e Saúde Urbana - Impactos e Oportunidades para as Cidades Brasileiras, feito pelo *Disclosure Insight Acion* (CDP). O estudo envolveu 92 cidades brasileiras, que abrigam cerca de 55 milhões de habitantes, representando 25% da população brasileira. Foram analisados os principais riscos à saúde causados por fatores ambientais.

O CDP é uma organização sem fins lucrativos. Ela representa mais de 500 investidores globais que movimentam US\$ 100 trilhões em ativos e opera um sistema global de divulgação de informações para que investidores, empresas, cidades e Estados avaliem impactos ambientais. O estudo patrocinado pelo CDP será apresentado hoje no Diálogos - Futuro Sustentável, um evento do Instituto Clima e Sociedade (ICS) e da Embaixada da Alemanha no Brasil.



Imagem: Daniel Tavares/Estadão

Visão da Marginal Tietê em São Paulo, com alta índice de poluição do ar

De acordo com dados citados pelo estudo, 60% do material particulado respirado no País tem como origem queimadas na região amazônica. Só em 2019 - um ano antes da pandemia de covid-19 -, foram registradas 2,5 mil hospitalizações por mês de crianças na Amazônia em razão da fumaça das queimadas.

O impacto associado à saúde mais comum relatado está relacionado aos casos de doenças transmissíveis, como malária e dengue (51 citações). Mas houve ainda indicações sobre a interrupção da prestação do serviço de saúde (38), doenças relacionadas ao calor (35), lesões físicas e mortes (33) e outras doenças (31).

Os pesquisadores encontraram 11 cidades que já têm planos de adaptação climática e 26 já criaram um inventário de emissões de gases de efeito estufa em sua área. Foram encontradas ainda 188 ações já tomadas pelas administrações municipais para mitigar as emissões em 43 das cidades estudadas. As mais comuns estão ligadas ao transporte público e à mobilidade urbana (49 casos) e o gerenciamento de resíduos (26).

Para os autores dos estudos, uma das razões para se investir em medidas de combate à mudanças climáticas é redução dos gastos com o sistema de saúde. Cada dólar despendido nos EUA com melhoras na condição do ar pode provocar uma economia de até US\$ 32 em custos sociais com saúde. No Brasil, isso poderia significar a prevenção de 5 mil mortes anuais e a economia de US\$ 15 bilhões por ano.

Para os responsáveis pelo estudo, "o combate às queimadas, a promoção do transporte público limpo e qualidade, ações para populações que vivem em locais de risco em caso de evento climático extremo, entre outras, são formas de engajamento das autoridades locais que terão impacto no meio ambiente, na economia e na saúde da população".

Doenças respiratórias são deixadas de lado na Amazônia

Hospitais lotados com pacientes de covid afastam pessoas que necessitam de cuidados mesmo com aumento das queimadas

Por Daniela Chiaretti — De São Paulo
08/06/2021 05h00 - Atualizado há 17 horas

Cerca de 40 mil brasileiros que sofrem de doenças respiratórias e vivem na Amazônia Legal não conseguiram ser atendidos desde o início da pandemia. O motivo principal é que os hospitais da região estavam lotados atendendo doentes de covid-19. "O que terá acontecido com eles?", preocupa-se o sanitarista Christovam Barcellos, coordenador do Observatório de Clima e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, a Fiocruz.

No observatório, pesquisadores da Fiocruz acompanham há anos a relação entre queimadas da Amazônia e doenças respiratórias. Normalmente, 6 mil pessoas são internadas por mês nas cidades próximas ao arco do desmatamento da Amazônia, no sul e nordeste da região. Durante a época das queimadas, este número duplica.

"Em 2020 se esperava um pico de internações por problemas respiratórios diante da intensidade das queimadas, o que não ocorreu. Vimos o enorme número de internações por covid", diz Barcellos. "Os outros, que tiveram crises de asma, pneumonia, tuberculose, deixaram de ser atendidos. Não houve capacidade hospitalar para essas pessoas."

Além dos pacientes de doenças respiratórias e de covid competirem pelos mesmos leitos, o diagnóstico se complica, segundo o sanitarista. "A preocupação é a convivência da queimada, aumentando ano a ano diante da alta das áreas desmatadas, causando muita doença respiratória", alerta. "Isso, somado à covid, é uma perspectiva trágica."

Doenças respiratórias nos cinco Estados mais afetados pelas queimadas somaram gastos de R\$ 774 milhões entre 2010 e 2020. Estes dados fazem parte da nota técnica "Amazônia Brasileira: potenciais impactos das queimadas sobre a saúde humana no contexto da expansão da covid-19" feita por pesquisadores da Fiocruz. Será divulgada hoje durante o seminário "O Impacto das Mudanças Climáticas na Saúde", da série Diálogos Futuro Sustentável, promovida pelo Instituto Clima e Sociedade (ICS) e pela embaixada da Alemanha.

Pesquisadores da ONG CDP fizeram uma pesquisa sobre riscos e oportunidades associados a clima em 92 cidades brasileiras onde vivem 55 milhões. Representam 25% da população do país. Os gestores relataram 400 impactos na saúde pública relacionados à crise climática - doenças transmitidas por vetores como malária e dengue, interrupção de serviços de saúde, água e saneamento. Identificam 307 perigos climáticos entre inundações, tempestades, secas e riscos biológicos, como insetos.

Pesquisadores da ONG CDP fizeram uma pesquisa sobre riscos e oportunidades associados a clima em 92 cidades brasileiras onde vivem 55 milhões. Representam 25% da população do país. Os gestores relataram 400 impactos na saúde pública relacionados à crise climática - doenças transmitidas por vetores como malária e dengue, interrupção de serviços de saúde, água e saneamento. Identificam 307 perigos climáticos entre inundações, tempestades, secas e riscos biológicos, como insetos.

Poucos, contudo, têm planos de adaptação climática (11 somente) e apenas dez municípios têm metas de redução de emissões de gases-estufa. "É pouco. Os municípios precisam de capacidade técnica e recursos financeiros para fazer esses planos", diz Andrea Banhe, gerente-sênior para Cidades, Estados e Regiões da CDP, que também apresenta hoje esse cenário.

Globalmente, a poluição do ar mata 7 milhões de pessoas ao ano. Segundo a Organização Mundial da Saúde, 93% das crianças no mundo estão expostas a ar poluído em níveis acima do recomendado pela OMS. Cerca de 630 milhões têm menos de cinco anos.

Estes dados são do estudo "Mudança do Clima e Saúde Urbana - Impactos e oportunidades para as cidades brasileiras" que será apresentado às 10h30, no painel Diálogos, no canal do YouTube do ICS.

Impacto das mudanças climáticas na saúde: políticas públicas e contexto internacional



A força crescente de um movimento global liderado por representantes tanto das agendas de combate e adaptação às mudanças climáticas quanto da área de saúde por maior visibilidade para o nexo entre os temas indica que incorre-se em um lapso narrativo ao não reforçar que falar de clima é, acima de tudo, é uma questão de saúde e qualidade de vida.

Meio ambiente e saúde são questões interdependentes e o enfrentamento dos desafios que levam às mudanças climáticas e à crise de biodiversidade são essenciais para a manutenção da qualidade da vida humana no planeta. Fatores como a exploração descontrolada de ambientes naturais selvagens, que leva à eclosão de doenças infecciosas, e a poluição do ar, considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a maior ameaça ambiental à saúde do nosso tempo, demandam atenção imediata.

O ano de 2021 trouxe a vacina contra a covid-19, demonstrando incrível capacidade de desenvolvimento científico e cooperação internacional - dois pilares, também, do combate às mudanças climáticas. Tais avanços indicam que há lições valiosas no intercâmbio de experiências sobre como a comunidade internacional - e os governos nacionais - podem reagir a desafios que ameacem nossas possibilidades de vida.

É neste contexto que o Diálogos Futuro Sustentável inicia sua série de eventos em 2021. Primeira das cinco sessões do Diálogos que ocorrerão este ano, o evento "O impacto das mudanças climáticas na saúde - políticas públicas e contexto internacional" pretende atualizar os temas emergenciais da conexão entre clima e saúde, lançando luz sobre as decisões que precisamos tomar hoje para garantir uma vida saudável em um sentido amplo, tanto humano quanto ambiental.

O evento pausa, na sequência, em uma visão nacional, dando enfoque ao grande desafio brasileiro no que tange o nexo clima e saúde: a poluição do ar. Para isso, convida representantes de instituições reconhecidas em ambos os temas de mudanças climáticas e de saúde - o Carbon Disclosure Progress (CDP) e a

Fiocruz - para apresentações que exploram aspectos de saúde em ambientes urbanos e o desafio para as cidades brasileiras e o uso de tecnologias multidisciplinares para avaliação de impactos e propostas de soluções efetivas em saúde pública nacional que levem em conta fatores ambientais e climáticos.

Na ocasião, o CDP lança o relatório "Mudança do Clima e Saúde Urbana - Impactos e Oportunidades para as cidades brasileiras", fruto de uma pesquisa envolvendo 92 cidades acerca dos principais riscos à saúde de seus moradores advindos de fatores ambientais tais como enchentes, secas e doenças infecciosas transmitidas. O relatório aponta ainda oportunidades de ações com impactos positivos tanto do ponto de vista ambiental como de saúde pública.

SERVIÇO: Dia 8 de junho de 2021 / 10h30 - 12h (BRT) / Acesso gratuito, inscrições através do [link](#) / Será necessário preencher um formulário no momento do acesso.

A proposta do evento parte de uma abordagem global - como a comunidade de prática internacional interpreta a ligação entre os dois temas prioritários e as ações concretas que estão sendo planejadas e implementadas para seus enfrentamentos. O foco está também na relevância do ano de 2021 para ambas as discussões, tendo em vista a realização da COP26, conferência sobre mudanças climáticas da ONU - em novembro, no Reino Unido - onde o tema da saúde humana terá atenção inédita, precisamente devido à pandemia.

'Diálogos': "O que está em perigo não é o planeta, mas sim a humanidade"

10 de junho de 2021          DANIELSUZUMURA

Compartilhar



Na primeira edição de 2021 do evento Diálogos Futuro Sustentável, especialistas discutem os efeitos das mudanças climáticas na saúde humana, acentuados pela pandemia do Covid-19

10 de junho de 2021

As consequências dos efeitos das mudanças climáticas à saúde humana foi o tema da primeira edição de 2021 do ciclo de seminários **Diálogos Futuro Sustentável**, promovido pelo ICS – Instituto Clima e Sociedade em parceria com a Embaixada da Alemanha. Com abordagem global e propostas para ações locais, o **Diálogos** atualizou os temas emergenciais da conexão entre clima e saúde, lançando luz sobre as decisões que precisamos tomar hoje para garantir uma vida saudável em um sentido amplo, tanto humano quanto ambiental.

Com moderação de **Marina Marçal**, coordenadora do Portfólio de Política Climática do ICS, o painel ***O impacto das mudanças climáticas na saúde – Políticas públicas e contexto internacional*** reuniu **Andreia Banhe**, gerente-sênior para Climas, Estados e Regiões do CDP Latin America; **Christovam Barcellos**, coordenador do Observatório de Clima e Saúde da Fiocruz e vice-diretor do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (Icict); e a alemã **Laura Jung**, da Global Climate and Health Alliance e do conselho da German Alliance on Climate Change and Health (KLUG). A abertura foi de **Ana Toni**, diretora executiva do ICS, e **Friederike Sabiel**, conselheira para assuntos ambientais da Embaixada da Alemanha no Brasil.

No evento, o CDP lançou o relatório ***Mudança do clima e saúde urbana – Impactos e oportunidades para as cidades brasileiras***, com dados inéditos sobre o impacto das mudanças climáticas na saúde urbana, abrangendo 92 cidades brasileiras com 55 milhões de habitantes. O **estudo** apresenta estatísticas alarmantes e aponta oportunidades de ações com impactos positivos tanto do ponto de vista ambiental como de saúde pública. [Clique aqui](#) para acessar o relatório

Christovam Barcellos apresentou **pesquisa inédita** realizada pela Fiocruz com a WWF, e ressaltou que é imprescindível o diálogo entre três partes: a comunidade científica/acadêmica, os políticos e a sociedade civil. "Precisamos assumir que há processos que estão afetando a saúde da população", disse. O estudo apresentado faz um alerta sobre a expansão geográfica da seca no país e a possibilidade de seca na Região Sudeste. "As notícias aqui no Brasil não são boas. Esvaziavam-se as instituições de pesquisa e, ao mesmo tempo, os órgãos de controle ambiental. Precisamos estabelecer um consenso, investir em pesquisa. Mas o aspecto positivo é que a credibilidade da ciência está aumentando com a pandemia da Covid-19."

O governo da **Alemanha**, que caminha para a neutralidade de **carbão** em **2045**, após advertência do tribunal constitucional anunciou em maio metas climáticas ainda mais ambiciosas, que preveem a redução de **emissões** em **65% até 2030**. Ana Toni concluiu alertando que **"não é o planeta que está em perigo, mas sim a humanidade"** e que é urgente que se faça algumas apostas: na ciência e educação; na cooperação, não só entre países, mas entre sociedades; e na valorização da solidariedade.

A íntegra do webinar pode ser assistida no YouTube do iCS:



[CANAL PORTUGUÊS]

Diálogos 16 - O IMPACTO DAS MU...

Assistir ma...



16 Compartilh...

futuro sustentável

seminário internacional

O IMPACTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA SAÚDE

— Políticas públicas e contexto internacional



08 JUNHO 2021

10h30 às 12h (BRT)



DIÁLOGOS

FUTURO SUSTENTÁVEL

REALIZAÇÃO



ICS



Embaixada de República Federal da Alemanha

Brasília

COAB208

Assistir no



YouTube

[bit.ly/2019.org](#)

ICS e Embaixada da Alemanha realizam painel sobre mudanças climáticas e saúde



O Impacto das Mudanças Climáticas na Saúde

A força crescente de um movimento global liderado por representantes tanto das agendas de combate e adaptação às **mudanças climáticas** quanto da área de saúde por maior visibilidade para o nexo entre os temas indica que incorremos em um lapso narrativo ao não reforçar que falar de clima é, acima de tudo, é uma questão de saúde e qualidade de vida.

*Meio ambiente e saúde são questões interdependentes e o enfrentamento dos desafios que levam às **mudanças climáticas** e à crise de **biodiversidade** são essenciais para a manutenção da qualidade da vida humana no planeta.*

Fatores como a **exploração descontrolada** de ambientes naturais selvagens, que leva à eclosão de doenças infecciosas, e a **poluição do ar**, considerada pela **Organização Mundial da Saúde (OMS)** como a maior **ameaça ambiental** à saúde do nosso tempo, demandam atenção imediata.

*O ano de 2021 nos trouxe a vacina contra a COVID-19, demonstrando incrível capacidade de desenvolvimento científico e cooperação internacional – dois pilares, também, do combate às **mudanças climáticas**.*

Tais avanços indicam que há lições valiosas no intercâmbio de experiências sobre como a comunidade internacional – e os governos nacionais – podem reagir a desafios que ameaçam nossas possibilidades de vida.

É neste contexto que o **Diálogos Futuro Sustentável** inicia sua série de eventos em 2021. Primeira das cinco sessões do Diálogos que ocorrerão este ano, o evento *"O impacto das mudanças climáticas na saúde – políticas públicas e contexto internacional"* pretende atualizar os temas emergenciais da conexão entre clima e saúde, lançando luz sobre as decisões que precisamos tomar hoje para garantir uma vida saudável em um sentido amplo, tanto humano quanto ambiental.

A proposta do evento parte de uma abordagem global – como a comunidade de prática internacional interpreta a ligação entre os dois temas prioritários e as ações concretas que estão sendo planejadas e implementadas para seus enfrentamentos. O foco está também na relevância do ano de 2021 para ambas as discussões, tendo em vista a realização da **CCOP25**, conferência sobre **mudanças climáticas** da ONU – em novembro, no Reino Unido – onde o tema da saúde humana terá atenção inédita, precisamente devido à pandemia.

O evento pausa, na sequência, em uma visão nacional, dando enfoque ao grande desafio brasileiro no que tange o nexo clima e saúde: a **poluição do ar**. Para isso, convida representantes de instituições reconhecidas em ambos os temas de **mudanças climáticas** e de saúde – o **Carbon Disclosure Progress (CDP)** e a **Flacruz** – para apresentações que explorem aspectos de saúde em ambientes urbanos e o desafio para as cidades brasileiras e o uso de tecnologias multidisciplinares para **avaliação de impactos** e propostas de soluções efetivas em saúde pública nacional que levem em conta **fatores ambientais e climáticos**.

Na ocasião, o CDP lança o relatório *"Mudança do Clima e Saúde Urbana – Impactos e Oportunidades para as cidades brasileiras"*, fruto de uma pesquisa envolvendo 92 cidades acerca dos principais riscos à saúde de seus moradores advindos de fatores ambientais tais como enchentes, secas e doenças infecciosas transmitidas.

O relatório aponta ainda oportunidades de ações com impactos positivos tanto do ponto de vista ambiental como de saúde pública.

Saúde x ambiente: qual a relação entre mudanças climáticas e epidemias?

Especialistas avaliam impactos das mudanças climáticas no surgimento de novos vírus que ameaçam a saúde do homem. Evento discutirá o tema



A saúde do planeta está ameaçada pela emergência sanitária global da Covid-19 (imagem de Jeyarajnan Canicees por Pixabay)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (ONU), todos os anos, aproximadamente 2 milhões de pessoas morrem por doenças zoonóticas, aquelas transmitidas de animais para humanos como dengue, ebola, zika. Agora, surge a Covid-19, que, com base em algumas evidências científicas, surgiu por meio do morcego. Apesar de ser a tese mais aceita até o momento, mas ainda não confirmada, o único consenso entre os pesquisadores para explicar uma das causas do surgimento dos demais vírus é a degradação do meio ambiente.

O desmatamento de florestas, a perda da biodiversidade e as mudanças climáticas influenciam fortemente na destruição ambiental e, consequentemente, no surgimento de novos vírus. É o que explica o especialista Rogério Machado, professor de Meio Ambiente e Química da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

“ Existe uma sintonia no meio ambiente natural onde microrganismos que sobrevivem em simbiose com outros organismos e hospedeiros, como animais, sendo que a sobrevivência desses microrganismos nesses seres, não causam desequilíbrio na natureza. Porém, quando esta cadeia é afetada, seja por interferência humana ou mesmo por mudanças no clima, podemos ter a inserção desses microrganismos em outros meios e eles vão tentar sobreviver se adaptando, mesmo que isto signifique viver no organismo humano”, analisa.

Quanto ao surgimento da Covid-19, Machado diz que as informações disponibilizadas até o momento não colocam a pandemia atual como fruto de desequilíbrio ambiental ou mesmo climático especificamente. Segundo ele, pode ter sido originado pela contaminação de um ser humano com contato com animal não comum no meio urbano. “Ou até mesmo – que longínqua possibilidade –, por uma fuga do vírus de algum laboratório de pesquisa, mas esta possibilidade é muito remota e já por vezes descartada em visitas de órgãos oficiais ao país onde se teve notícia da origem da pandemia”, ressalta.

Já Márcia Brandão Leão, professora de Direito Ambiental da Universidade Presbiteriana Mackenzie em Campinas, acredita que o surgimento do coronavírus se deu por dois fatores: a degradação ambiental e a invasão humana das áreas preservadas provocando a retirada dos animais silvestres.

“ Ao colocar esses animais em mercados com más condições de higiene e o contato com estes, facilita a transmissão do vírus para nós humanos. Eu acredito sim que o desequilíbrio ambiental tenha relação com a pandemia do covid-19 e podemos aguardar mais pandemias, pois o degelo está liberando bactérias e vírus. Há alguns vírus antigos que já superamos e outros novos que não conhecemos”, afirma.

Os vírus provenientes do degelo ao qual Márcia se refere foram encontrados em 2020, por cientistas chineses e americanos nas geleiras do Tibete, na China. Segundo os pesquisadores, 28 grupos de vírus estavam congelados há 15 mil anos e, devido ao derretimento dos gelos glaciares, os agentes passaram a ser liberados, o que pode significar riscos para os seres humanos.

Como Machado explica, as mudanças climáticas não afetam só os humanos, mas todos os seres que tentarão sobreviver por meio de uma adaptação e isso pode ser fatal para a humanidade. O professor cita ainda que evitar futuras pandemias não é tão fácil, mas pode ser feita de algumas formas.

CS e Embaixada da Alemanha realizam painel sobre mudanças climáticas e saúde



O impacto das mudanças climáticas na saúde: políticas públicas e contexto internacional

A força crescente de um movimento global liderado por representantes tanto das agendas de combate e adaptação às mudanças climáticas quanto da área de saúde por maior visibilidade para o nexo entre os temas indica que incorremos em um lapso narrativo ao não reforçar que falar de clima é, acima de tudo, é uma questão de saúde e qualidade de vida.

Meio ambiente e saúde são questões interdependentes e o enfrentamento dos desafios que levam às mudanças climáticas e à crise de biodiversidade são essenciais para a manutenção da qualidade da vida humana no planeta. Fatores como a exploração descontrolada de ambientes naturais selvagens, que leva à eclosão de doenças infecciosas, e a poluição do ar, considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a maior ameaça ambiental à saúde do nosso tempo, demandam atenção imediata.

O ano de 2021 nos trouxe a vacina contra a COVID-19, demonstrando incrível capacidade de desenvolvimento científico e cooperação internacional - dois pilares, também, do combate às mudanças climáticas. Tais avanços indicam que há lições valiosas no intercâmbio de experiências sobre como a comunidade internacional - e os governos nacionais - podem reagir a desafios que ameacem nossas possibilidades de vida.

É neste contexto que o Diálogos Futuro Sustentável inicia sua série de eventos em 2021. Primeira das cinco sessões do Diálogos que ocorrerão este ano, o evento "O impacto das mudanças climáticas na saúde - políticas públicas e contexto internacional" pretende atualizar os temas emergenciais da conexão entre clima e saúde, lançando luz sobre as decisões que precisamos tomar hoje para garantir uma vida saudável em um sentido amplo, tanto humano quanto ambiental.

A proposta do evento parte de uma abordagem global - como a comunidade de prática internacional interpreta a ligação entre os dois temas prioritários e as ações concretas que estão sendo planejadas e implementadas para seus enfrentamentos. O foco está também na relevância do ano de 2021 para ambas as discussões, tendo em vista a realização da COP26, conferência sobre mudanças climáticas da ONU - em novembro, no Reino Unido - onde o tema da saúde humana terá atenção inédita, precisamente devido à pandemia.

O evento pausa, na sequência, em uma visão nacional, dando enfoque ao grande desafio brasileiro no que tange o nexo clima e saúde: a poluição do ar. Para isso, convida representantes de instituições reconhecidas em ambos os temas de mudanças climáticas e de saúde - o Carbon Disclosure Progress (CDP) e a Fiocruz - para apresentações que explorem aspectos de saúde em ambientes urbanos e o desafio para as cidades brasileiras e o uso de tecnologias multidisciplinares para avaliação de impactos e propostas de soluções efetivas em saúde pública nacional que levem em conta fatores ambientais e climáticos.

Na ocasião, o CDP lança o relatório "Mudança do Clima e Saúde Urbana - Impactos e Oportunidades para as cidades brasileiras", fruto de uma pesquisa envolvendo 92 cidades acerca dos principais riscos à saúde de seus moradores advindos de fatores ambientais tais como enchentes, secas e doenças infecciosas transmitidas. O relatório aponta ainda oportunidades de ações com impactos positivos tanto do ponto de vista ambiental como de saúde pública.

“Diálogos”: “O que está em perigo não é o planeta, mas sim a humanidade”

19/06/2021 | Jornal do Oeste

As consequências dos efeitos das mudanças climáticas à saúde humana foi o tema da primeira edição de 2021 do ciclo de seminários Diálogos Futuro Sustentável, promovido pelo ICS – Instituto Clima e Sociedade em parceria com a Embaixada da Alemanha. Com abordagem global e propostas para ações locais, o Diálogos atualizou os temas emergenciais da conexão entre clima e saúde, lançando luz sobre as decisões que precisamos tomar hoje para garantir uma vida saudável em um sentido amplo, tanto humano quanto ambiental.

Com moderação de **Marina Marçal**, coordenadora do Portfólio de Política Climática do ICS, o painel **O impacto das mudanças climáticas na saúde – Políticas públicas e contexto internacional** reuniu **Andréia Banhe**, gerente-sênior para Cidades, Estados e Regiões do CDP Latin America; **Christovam Barcellos**, coordenador do Observatório de Clima e Saúde da Fiocruz e vice-diretor do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (Icict); e a alemã **Laura Jung**, da Global Climate and Health Alliance e do conselho da German Alliance on Climate Change and Health (KLUG). A abertura foi de **Ana Toni**, diretora executiva do ICS, e **Friederike Sabiel**, conselheira para assuntos ambientais da Embaixada da Alemanha no Brasil.

No evento, o CDP lançou o relatório **Mudança do clima e saúde urbana – impactos e oportunidades para as cidades brasileiras**, com dados inéditos sobre o impacto das mudanças climáticas na saúde urbana, abrangendo 92 cidades brasileiras com 55 milhões de habitantes. O estudo apresenta estatísticas alarmantes e aponta oportunidades de ações com impactos positivos tanto do ponto de vista ambiental como de saúde pública. [Clique aqui](#) para acessar o relatório.

Christovam Barcellos apresentou **pesquisa inédita** realizada pela Fiocruz com a WWF, e ressaltou que é imprescindível o diálogo entre três partes: a comunidade científica/acadêmica, os políticos e a sociedade civil. “Precisamos assumir que há processos que estão afetando a saúde da população”, disse. O estudo apresentado faz um alerta sobre a expansão geográfica da seca no país e a possibilidade de seca na Região Sudeste. “As notícias aqui no Brasil não são boas. Esvaziaram-se as instituições de pesquisa e, ao mesmo tempo, os órgãos de controle ambiental. Precisamos estabelecer um consenso, investir em pesquisa. Mas o aspecto positivo é que a credibilidade da ciência está aumentando com a pandemia da Covid-19.”

O governo da Alemanha, que caminha para a neutralidade de carbono em 2045, após advertência do tribunal constitucional anunciou em maio metas climáticas ainda mais ambiciosas, que preveem a redução de emissões em 65% até 2030. Ana Toni concluiu alertando que “**não é o planeta que está em perigo, mas sim a humanidade**” e que é urgente que se faça algumas apostas: na ciência e educação; na cooperação, não só entre países, mas entre sociedades; e na valorização da solidariedade.

A íntegra do webinar pode ser assistida no YouTube do ICS:

seminário internacional

O IMPACTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA SAÚDE

Políticas públicas e contexto internacional

08 JUNHO 2021
10h30 às 12h (BRT)

Assista no [youtube.com/jornaldooeste](#)

PARCERIAS: ICS, Embaixada da República Federal da Alemanha, BRASIL 2020

DESTAQUES

– Os efeitos causados pelas mudanças climáticas impactam a saúde humana principalmente de três formas: **Impacto direto** – mortalidade e morbidade geradas pela poluição do ar por veículos, indústrias e queimadas; **Impacto indireto relacionado às mudanças ambientais** – alterações nos padrões de transmissão de doenças por mosquitos ou carrapatos; **Impacto indireto relacionado aos sistemas sociais**

– doenças mentais advindas de conflitos em deslocamentos populacionais, desnutrição, insegurança alimentar, perdas econômicas geradas pelas alterações no clima, entre outras.

– Relatório do CDP Latin America aponta que foi estimado um **custo de US\$ 1,7 bilhão anuais por mortes prematuras por poluição do ar** em 29 capitais brasileiras.

– Estudo realizado pela Fiocruz e WWF revela que 60% do Material Particulado (MP) inalado no Brasil é proveniente da queima da floresta amazônica. Em 2019 houve **2.500 hospitalizações por mês de crianças na região amazônica em decorrência da poluição das queimadas**. E a exposição crônica à fumaça faz com que os indivíduos mais vulneráveis à Covid-19 possam apresentar formas mais graves da infecção.

– O surgimento da Covid-19 evidencia a necessidade iminente de um esforço preventivo no controle de zoonoses. Os custos associados aos esforços preventivos seriam substancialmente menores comparados com os custos econômicos, sociais e de saúde no controle de potenciais epidemias e ou pandemias. A associação entre o desmatamento, queimadas e degradação da floresta e a emergência de vírus sugere que esforços para manter a cobertura florestal têm um grande retorno sobre o investimento, devendo ser uma prioridade governamental.

– A Alemanha se encaminha para a neutralidade de carbono em 2045. Em maio, governo apresentou projeto de lei com metas climáticas mais ambiciosas, que prevê a redução de emissões em 65% até 2030.

– Entre as medidas globais apontadas como urgentes, um dos destaques é a necessidade de as nações investirem na distribuição de poder, e nesse quesito a **justiça de gênero é uma importante aliada da justiça climática**.

– Não é o planeta que está em perigo, mas sim a humanidade. Nesse contexto, é urgente que se faça algumas apostas: na ciência e educação; na cooperação, não só entre países, mas entre sociedades; e na valorização da solidariedade.

Mudanças climáticas afetam saúde humana



Foto: Carl de Souza/ AFP

Dados inéditos sobre o nexo alarmante entre as mudanças climáticas e prejuízos à saúde urbana no Brasil serão divulgados hoje, durante a primeira edição de 2021 do Diálogos – Futuro Sustentável, evento promovido pelo iCS – Instituto Clima e Sociedade e pela Embaixada da Alemanha.

Além dos impactos relacionados às mudanças ambientais (transmissão de doenças por mosquitos ou carrapatos) e aos sistemas sociais (doenças mentais advindas de conflitos em deslocamentos populacionais, desnutrição, insegurança alimentar, perdas econômicas geradas pelas alterações no clima), o destaque fica por conta da mortalidade e morbidade geradas pela poluição do ar por veículos, indústrias e queimadas. A pesquisa aponta que foi estimado um custo de US\$ 1,7 bilhão anuais por mortes prematuras por poluição do ar em 29 capitais brasileiras.

A pesquisa cita um estudo realizado pela Fiocruz revelando que 60% do Material Particulado (MP) inalado no Brasil é proveniente da queima da floresta amazônica. E em 2019 houve 2.500 hospitalizações por mês de crianças na região amazônica em decorrência da poluição das queimadas.

Andreia Banhe, do CDP – Disclosure Insight Acton, vai apresentar os resultados do estudo “Mudança do Clima e Saúde Urbana – Impactos e Oportunidades para as Cidades Brasileiras”, envolvendo 92 municípios (totalizando aproximadamente 55 milhões de habitantes e representando 25% da população brasileira) acerca dos principais riscos à saúde causados por fatores ambientais.

Os dados serão apresentados no painel “Diálogos: o impacto das mudanças climáticas na saúde – políticas públicas e contexto internacional”, hoje, às 10h30, no canal do youtube do Instituto Clima e Sociedade. Mediado por Marina Marçal, coordenadora do Portfólio de Política Climática do Instituto Clima e Sociedade, vai reunir, além de Andreia Banhe, do CDP Latin America; Christovam Barcellos, da Fiocruz; e a alemã Laura Jung, da Global Climate Health Alliance.

O impacto das mudanças climáticas na saúde: políticas públicas e contexto internacional

17 Junho 2, 2021 | Amarelido Castro | Artigos | 0



A força crescente de um movimento global liderado por representantes tanto das agendas de combate e adaptação às mudanças climáticas quanto da área de saúde por maior visibilidade para o nexo entre os temas indica que incorremos em um lapso narrativo ao não reforçar que falar de clima é, acima de tudo, é uma questão de saúde e qualidade de vida.

Meio ambiente e saúde são questões interdependentes e o enfrentamento dos desafios que levam às mudanças climáticas e à crise de biodiversidade são essenciais para a manutenção da qualidade da vida humana no planeta. Fatores como a exploração descontrolada de ambientes naturais selvagens, que leva à eclosão de doenças infecciosas, e a poluição do ar, considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a maior ameaça ambiental à saúde do nosso tempo, demandam atenção imediata.

O ano de 2021 nos trouxe a vacina contra a COVID-19, demonstrando incrível capacidade de desenvolvimento científico e cooperação internacional – dois pilares, também, do combate às mudanças climáticas. Tais avanços indicam que há lições valiosas no intercâmbio de experiências sobre como a comunidade internacional – e os governos nacionais – podem reagir a desafios que ameacem nossas possibilidades de vida.

É neste contexto que o Diálogos Futuro Sustentável inicia sua série de eventos em 2021. Primeira das cinco sessões do Diálogos que ocorrerão este ano, o evento “O impacto das mudanças climáticas na saúde – políticas públicas e contexto internacional” pretende atualizar os temas emergenciais da conexão entre clima e saúde, lançando luz sobre as decisões que precisamos tomar hoje para garantir uma vida saudável em um sentido amplo, tanto humano quanto ambiental.

A proposta do evento parte de uma abordagem global – como a comunidade de prática internacional interpreta a ligação entre os dois temas prioritários e as ações concretas que estão sendo planejadas e implementadas para seus enfrentamentos. O foco está também na relevância do ano de 2021 para ambas as discussões, tendo em vista a realização da COP26, conferência sobre mudanças climáticas da ONU – em novembro, no Reino Unido – onde o tema da saúde humana terá atenção inédita, precisamente devido à pandemia.

O evento pausa, na sequência, em uma visão nacional, dando enfoque ao grande desafio brasileiro no que tange o nexo clima e saúde: a poluição do ar. Para isso, convida representantes de instituições reconhecidas em ambos os temas de mudanças climáticas e de saúde – o Carbon Disclosure Progress (CDP) e a Fiocruz – para apresentações que explorem aspectos de saúde em ambientes urbanos e o desafio para as cidades brasileiras e o uso de tecnologias multidisciplinares para avaliação de impactos e propostas de soluções efetivas em saúde pública nacional que levem em conta fatores ambientais e climáticos.

Na ocasião, o CDP lança o relatório “Mudança do Clima e Saúde Urbana – Impactos e Oportunidades para as cidades brasileiras”, fruto de uma pesquisa envolvendo 92 cidades acerca dos principais riscos à saúde de seus moradores advindos de fatores ambientais tais como enchentes, secas e doenças infecciosas transmitidas. O relatório aponta ainda oportunidades de ações com impactos positivos tanto do ponto de vista ambiental como de saúde pública.